



**INTERVENÇÃO DO SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
POR OCASIÃO DO 45º ANIVERSÁRIO DO 25 ABR 1974**

25 ABR 2019

**Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal**

**Exmo. Sr. Vice-Presidente da Câmara**

**Exmos. Senhores Vereadores**

**Exmos. Senhores Membros da Assembleia Municipal**

**Exmos. Senhores Presidentes de Junta ou de Uniões de Freguesia**

**Exmos. Senhores Autarcas, Ex-autarcas, Autoridades Civas, Militares e  
Religiosas**

1

---

**Exmos. Senhores Comandantes da Polícia de Segurança Pública**

**Exmos. Senhores Comandantes de Corporações de Bombeiros**

**Exmos. Senhores Dirigentes Associativos**

**Exmos. Senhores dirigentes e colaboradores do Município de Oeiras**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores**

As minhas primeiras palavras são naturalmente para saudar todos os presentes neste dia tão especial que comemoramos desde há 45 anos: o dia 25 de Abril.

E justamente por ser um dia especial, vou falar de um acontecimento especial. De algo merecedor da vossa melhor atenção. Conto inclusivamente com a colaboração de todos para o divulgarem.

Queria então convidar-vos a visitarem – no caso de ainda não o terem feito – uma belíssima exposição, patente no Palácio do Egipto, concebida pela historiadora e investigadora Raquel Varela - a quem felicito uma vez mais pelo trabalho desenvolvido - e cujo mote é o seguinte:

***“Quando mudamos um país ele muda-nos com ele”.***

Hão-de reparar que esta exposição conta no seu início com imagens das dramáticas cheias de 1967 na região de Lisboa e Vale do Tejo. E, apanhados desprevenidos, perguntarão: mas o que têm as cheias de 67 a ver com o 25 de Abril de 74?

Ora, a verdade é que estas cheias foram tremendamente marcantes para tantos e tantos jovens que acorreram em socorro das imensas vítimas dessa catástrofe.

Marcantes porque foi a partir daqui que, na consciência da juventude de então, terá fermentado um turbilhão de ideias à volta de conceitos e de valores como: degradação humana, pobreza, justiça social, humanismo, habitação digna, solidariedade, futuro.

Não tenhamos a menor dúvida: as cheias de 67 contribuíram para fazer nascer a urgência em transformar um país cinzento, triste e temeroso, numa realidade onde todos pudessem viver e conviver condignamente.

E contribuíram para o despertar político de toda uma geração a quem só interessava um novo futuro.

**E o futuro chegou no dia 25 de Abril de 1974!**

Celebrar o dia 25 de Abril é, portanto, reviver momentos de uma incontida alegria e esperança!

- Porque o 25 de Abril nos devolveu essa Dignidade e nos trouxe a Liberdade e a Democracia!

Celebrar o dia 25 de Abril é também ter um orgulho imenso em quem o preparou!

- Porque muitos que o planearam, em tantas e tantas reuniões clandestinas realizadas em Oeiras, ainda hoje aqui vivem! Para todos eles um enorme OBRIGADO!

Celebrar o dia 25 de Abril é associar-lhe ainda uma simbologia, também muito unida a Oeiras.

- Reparem que a prisão de Caxias era uma das prisões mais temidas do regime e dela foram libertados, no próprio dia 26 de Abril, todos os presos políticos que aí se encontravam.

Celebrar o dia 25 de abril é recordar igualmente que a operação militar começou graças à colaboração de uma outra pessoa, também residente em Oeiras: o radialista Manuel Tomás que pôs no ar a canção “Grândola Vila Morena – Terra da Fraternidade” – o segundo “santo-e-senha” dos militares;

Celebrar o dia 25 de Abril é cumprir uma festa imortalizada pelos cravos vermelhos que neste dia despontaram nos canos das espingardas dos soldados.

- E porque os cravos nasceram de uma mulher do povo e a pensar no povo, temos de concluir que são propriedade de todos nós, são propriedade de um “Povo Unido” que festejou na rua o dia 25 de abril por acreditar nos seus ideais.



- E porque os cravos vermelhos são de todos, ninguém deve deles apropriar-se. É justamente essa a razão **de hoje haver mais cravos que nunca neste Auditório!**

No final da cerimónia ficaria feliz se viessem até aqui e retirassem um cravo para o colocarem nas vossas lapelas e nos vossos vestidos, mostrando deste modo ao mundo que hoje em Oeiras celebramos - em verdadeira união - o dia 25 de Abril. Esse é o seu espírito. Essa é a sua alma.

### **MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES**

Acabo de apresentar algumas das razões que concorrem para que o município de Oeiras **CELEBRE agora**, com redobrado orgulho, os 45 anos do 25 de Abril de 1974. Todas elas estão na razão directa da grandeza, nunca antes vista neste município – e porventura a nível nacional – destas comemorações, cuja vastíssima programação, com iniciativas dirigidas a todos os públicos mas especialmente aos mais jovens, estão a decorrer desde o passado mês de Março, só terminando no próximo mês de Maio!

4

---

Tal como aconteceu com os jovens em 1967, queremos que a juventude actual desperte igualmente a sua consciência para a defesa da Liberdade e da Democracia trazidas pelo 25 de Abril, porque quem só conheceu a **Liberdade** já depois do 25 de Abril, toma por natural aquilo que nem sempre o foi, ou seja, ser livre em Portugal só se tornou possível graças ao 25 de Abril. Por isso insisto tanto na necessidade dos jovens aprenderem a cuidar da Liberdade e da Democracia.

A verdadeira questão é esta: que representará afinal **a Liberdade** para um sub-40, para além do sentimento de atravessar com facilidade a Europa de Este a Oeste ou de Norte a Sul, e de ver nela um mercado de bens e de serviços que lhe permite estudar medicina em Praga, trabalhar num Banco em Madrid ou ir passar férias à Croácia?

Temos de evitar a todo o custo que valores como Democracia e Liberdade sejam esquecidos ou descurados no devagar depressa dos tempos, já que, como dizia Almeida Garrett<sup>1</sup> ***“o maior inimigo da Liberdade é a indiferença”***.

**Não se pense porém**, que só agora o Município de Oeiras acordou para o 25 de Abril e para muitas das questões que a data suscita.

**Não se pense porém**, ser esta a 1ª vez que entendemos valorizar o 25 de Abril, como que pedindo a redenção por não o termos feito antes.

**Não se pense porém** que, em anos anteriores, não avaliámos todo o alcance do 25 de Abril de 74!

Nada disso. Qualquer munícipe mais atento saberá que existe no nosso território, desde há muitos anos, um total respeito por aquilo que os militares significam e significaram para Portugal.

Assim se explica sermos talvez um dos poucos municípios nacionais a publicar livros sobre a guerra colonial, a patrocinar esculturas alegóricas a este período da nossa História, a organizar Conferências sobre o “25 de Abril” ou sobre o “25 de Novembro” ou a atribuir topónimos relacionados com os militares de Abril.

Se tudo isto fizémos foi porque acreditamos num dia 25 de Abril sem mácula, que nem é património da esquerda, nem da direita. Que não pertence a liberais, centristas, nem a democratas-cristãos ou comunistas. O que comemoramos corresponde ao verdadeiro significado do próprio **dia 25**: a Liberdade! Repito: o que comemoramos **é o próprio dia** 25 de Abril.

Digo-o porque todos sabemos que, após o histórico dia 25, o país correu os riscos próprios de uma situação revolucionária, a ponto de ter saído de

---

<sup>1</sup> João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799 -1854)  
Escritor e dramaturgo romântico, orador, Par do reino, Ministro e Secretário de Estado.

um anacronismo histórico - corporizado num regime serôdio, pequeno e provinciano, de um país conformado com a sua pobreza e isolamento – para quase ter caído num outro anacronismo e tombar numa nova ditadura.

Talvez por isso alguns valorizem mais o 25 de Novembro que o 25 de Abril. Talvez por isso alguns prefiram o 11 de Março a qualquer uma das datas anteriores.

Talvez por isso subsistam críticos ou apoiantes do 28 de Setembro.

Por sua vez alguns puristas atribuem uma maior importância ao momento em que a democracia se consolida, quando em 1982 o Conselho da Revolução é extinto pela primeira revisão constitucional que a Constituição Portuguesa de 1976 sofreu.

## MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Como todas as histórias de sucesso, o 25 de Abril também passou, como acabamos de verificar, por momentos difíceis, por vicissitudes variadas e por contradições insuperáveis. Valeram-nos os militares que o planearam, terem acreditado ser possível este **reencontro com a Felicidade** depois de meio século de ditadura, substituindo-se um dia anterior repleto de sombras, por um dia seguinte cheio de luz.

A verdade é que foi surpreendente ver aquelas mesmas Forças Armadas - ainda pouco tempo antes envolvidas numa guerra absurda em África – associarem-se à Paz e à Liberdade.

Pela minha parte devo dizer que, presidir a um concelho que acolhia tantos condignos e corajosos participantes na organização do 25 de Abril, é uma prerrogativa que me deixa feliz.



Deixa-me feliz porque, de certo modo, Oeiras comemorou o 25 de Abril de 1974 e continuou a fazê-lo todos os dias, todos os meses, todos os anos, sem que tal tivesse constituído uma rotina.

**Se hoje** o Município de Oeiras é um exemplo daquilo que poderá ser considerado um avatar da transformação da paisagem urbana e um paradigma do desenvolvimento económico e social;

**Se hoje** o Município de Oeiras é um exemplo do desenvolvimento de políticas de igualdade de oportunidades, da dignidade da habitação e da correspondente erradicação de barracas,

foi porque, modéstia à parte, soubemos, desde a primeira hora, interpretar aquilo que o Poder Local tem de melhor: **autonomia e representatividade**. De facto, se era isso que o programa do 25 de Abril preconizava, foi justamente esse o caminho que Oeiras percorreu.

---

7

Soubemos, pois, construir aqui em Oeiras - ao longo dos anos - um Poder Local, democrático, transparente, realizador e com uma forte capacidade de execução.

Soubemos construir aqui em Oeiras, um Poder Local **preocupado** em não comprometer o futuro das gerações vindouras e **atento** ao progresso e à coesão no seu território.

Conscientemente soubemos sempre ser prudentes na utilização efectiva dos recursos e dos impostos de cada um dos nossos cidadãos-contribuintes. Deste modo atingimos níveis de desenvolvimento, sem dúvida invejáveis em contexto nacional e, atrevo-me a dizer - porque nos interessa tomar como referência - em contexto europeu.

Conviria sublinhar que, **se** o “governo da Cidade” foi bem-sucedido, tal fica também a dever-se ao trabalho denotado de muitos colaboradores e de

ex-colaboradores deste Município, assim como a muitos autarcas e ex-autarcas, a quem presto neste momento a minha mais sincera homenagem, enviando um cumprimento especial aos que vão agora ser distinguidos pelos seus méritos. Se estou aqui hoje devo-o a todos, e por isso a todos agradeço e a todos felicito.

Retomando a conversa sobre os níveis de desenvolvimento de Oeiras, parece ser que, mesmo que um município consiga alcançar, com muito trabalho e com muito esforço, o “*Quadro de Excelência*”, tal não é suficientemente grandioso, nem suficientemente meritório para convencer a administração central a esquecer, por minutos, a sua eterna tendência centralizadora.

Deixem-me, em brevíssimas palavras, ilustrar melhor esta situação. É que, não obstante toda a maturidade e competência técnica e financeira já evidenciadas pelo município de Oeiras – mandato atrás de mandato - ao realizar não apenas tudo o que se inscreve no âmbito das suas competências legais, mas também aquilo que é da estrita competência do Estado, em áreas como a Segurança, a Educação, o Desporto, ou a Acção Social - para citar apenas estas - não obstante tudo isto, dizia eu, testemunho surpreendentemente que, **das duas uma**:

- ou o Estado português continua bastante distraído;
- ou o Estado português continua a demonstrar uma total falta de sensibilidade para determinadas questões, designadamente para o seu próprio património classificado;
- Ou o Estado português tem desprezado o seu património.

### **A história conta-se em poucas palavras:**

Há cerca de ano e meio tem vindo a Câmara Municipal de Oeiras a dialogar com os Ministérios da Agricultura, da Justiça e da Defesa a propósito da transferência da gestão de património edificado de interesse



cultural para a responsabilidade do Município, a saber: a ex-Estação Agronómica Nacional com o seu conjunto edificado da Casa da Pesca, Cascatas do Taveira e do Ouro, Casa do Bicho da Seda e Pombal, entre outros; o antigo Convento da Cartuxa e Igreja e, por último, os Jardins do Paço Real de Caxias.

Pois bem, **apesar de haver acordo** sobre o futuro deste património entre o Município e aqueles três Ministérios; **apesar do Município dispôr** da respectiva dotação para todo este investimento – que ultrapassará os doze milhões de euros – a verdade é que, sem se vislumbrar qualquer razão superior, e por incrível que nos pareça a todos - estes processos continuam retidos na Direcção Geral do Tesouro!

Ressalvo com justiça o Sr. Ministro da Defesa que, no passado dia 22, assinou com o Presidente da Câmara a entrega da gestão dos Jardins do Paço Real de Caxias ao Município. De relevar que, ao longo de duas décadas, a Câmara Municipal de Oeiras investiu neste espaço uma quantia estimada em 4 milhões de euros, investimento esse que corria o risco de se perder porque, em 2009, o Tesouro obrigou à denúncia do acordo celebrado em 1986!

9

**Apetece perguntar** se foi para isto que se fez o 25 de Abril.

**Apetece perguntar** se é para isto que existe um Poder Local democrático.

**Apetece perguntar** se é necessário um outro **25 de Abril** para acabar de vez com Direcções Gerais inaptas, incapazes e incompetentes e que não respeitam as orientações das tutelas, exercendo um verdadeiro veto de bolso às necessárias tomadas de decisão, sempre fundamentais à vida dos cidadãos, bem como à sua identidade e cultura.

**Apetece perguntar** porque é que nem todos compreendem bem a revolta e a indignação que em Oeiras se sente pela forma como estamos a ser tratados, e pelo desprezo a que é votado um património de relevância nacional como é o caso, por exemplo, da ex-Estação Agronómica Nacional.



Perante tudo isto, **apetece até apelar ao Direito à Indignação**, tal como em boa hora o fez Mário Soares – um dos fundadores da nossa Democracia – quando era Presidente da República.

**Concluiria dizendo** que este assunto **não é inevitável**. Digo mais: a inevitabilidade é a negação do conceito de Democracia, porque quando há democracia não há coisas inevitáveis. Tudo se pode discutir!

### MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Os factos que acabo de relatar levaram-me a descobrir que a palavra **herança** tem um triplo significado. De facto, diz-nos Santo Agostinho<sup>2</sup> - um dos quatro Doutores da Igreja – que a **herança** representa ***“um presente das coisas passadas, um presente das coisas presentes e um presente das coisas futuras”***.

E este grande pensador medieval - para quem a sabedoria só terá lugar onde houver paciência - esclarece-nos ainda que ***“o presente das coisas passadas é a **memória**, o presente das coisas presentes é a **vida** e o presente das coisas futuras é a **esperança**”***.

Temos portanto o dever de não esquecer o nosso legado, o nosso património, a nossa herança, e de ajudar a construir um futuro digno para o Município de Oeiras e para a sua História.

Os altos padrões de desenvolvimento de todo o universo concelhio não toleram atitudes despiciendas de Direcções Gerais letárgicas, mas autorizam-nos, felizmente, a levar por diante programas e políticas

---

<sup>2</sup> In Confissões (Livro XI, capítulo XX) Santo Agostinho de Hipona I 13 Nov. 354 d.C. / 28 Ago. 430 d.C. Um dos mais importantes teólogos e filósofos do cristianismo.

O termo "quatro Doutores" ou "Doutores latinos" é comumente encontrado em obras de escolásticos. Um decreto do papa Bonifácio VIII (1298) ordenou que se celebrassem festas em toda a Igreja em honra de São Gregório, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerónimo.



públicas que procuram satisfazer as necessidades dos mais desfavorecidos, admitindo ao mesmo tempo a cooperação, quer com outros municípios nacionais, quer com municípios de expressão portuguesa.

Aproveito para dizer que é benévolo sentir a solidariedade, mas ainda é melhor praticá-la. Por isso desencadeámos recentemente a campanha de recolha de alimentos e roupas junto da população e das empresas de Oeiras, na sequência da devastação causada pela passagem do ciclone ***Idai*** na região da Beira que, como sabem, teve consequências trágicas para as pessoas e para o território.

Julgo até que esta campanha – a campanha “*Vamos Ajudar Moçambique*” - vai ficar na história, tal a adesão que está a ter por parte dos cidadãos oeirenses. Desde já o meu OBRIGADO a todos em nome do Município.

Na verdade ser cidadão é hoje, acima de tudo, ser solidário para com os outros cidadãos, e ter por igual o direito à solidariedade de terceiros. Ser democrata é hoje, acima de tudo, querer uma sociedade solidária, uma sociedade em que a participação política tenha como objectivo último, a melhoria das condições económicas, sociais e culturais das populações.

---

11

**Reparem**, portanto, como a solidariedade é importante em todos os momentos, seja nas cheias da região de Lisboa em 1967, seja agora nas cheias na região da Beira, em 2019.

**Reparem** como, ao mudarmos um país, ele também nos muda a nós! Imaginem um círculo onde nada é estático. Imaginem um círculo do qual todos fazemos parte e onde a dinâmica substitui o ócio. É que, ou somos nós a mudar o país **ou** o regime pode acabar por apodrecer, do mesmo modo que o regime anterior apodreceu.

**Reparem** na importância de nos assumirmos como cidadãos activos e solidários!

E falar em Solidariedade é também falar em Igualdade uma vez que estes dois princípios são indissociáveis da Cidadania. São eles que tornam a acção política mais tolerável, no sentido em que convergem para a coesão social.

Todavia não deixa de ser paradoxal apurar que, se a revolução de abril foi uma óptima notícia para a luta pelos direitos das mulheres - o que confirma a tese de que **“toda a gente ganhou com o 25 de Abril em Portugal”**  muito há ainda a fazer no plano da emancipação da mulher e da igualdade de género.

Um brevíssimo exemplo: em **1976**, nas primeiras eleições autárquicas, nos **304** municípios de então, apenas **4** mulheres ganharam eleições tornando-se presidentes de câmara. Uma percentagem de 1,31%.

Decorridos 45 anos a situação está longe do razoável, pois nos **308** municípios agora existentes, só **32** mulheres foram eleitas nas Autárquicas de Outubro de **2017**, o que corresponde a uma percentagem de uns escassos 10,38%.

Fica assim demonstrada a quase ausência de mulheres nesta instância governativa, situação que, de modo genérico não destoa de cenários em que a nota dominante é a presença residual e simbólica de mulheres em cargos de liderança.

Já agora abro um parêntesis para recordar - com algum orgulho devo dizer - que o Município de Oeiras para além de ter a sua Assembleia Municipal a ser presidida por uma mulher, possui um quadro de dirigentes com a seguinte percentagem: **68,3% de mulheres** contra 31,7 % de homens.

Também neste aspecto da **Igualdade** soubemos interpretar inequivocamente as mensagens do 25 de Abril.

A par da **Igualdade** e da **Solidariedade** tenho nestas minhas cogitações à volta do 25 de Abril, pensado também bastante nas questões da **Participação** que parece ser outro dos grandes paradoxos do 25 de Abril.

Os dados aí estão para o confirmar: de um modo geral, os portugueses votam cada vez menos. Se nas legislativas de 2011, a taxa de abstenção alcançou os **41,9%**, em **1983** havia sido de **25,7%**.

É certo que a maioria do discurso político sobre Democracia presume que a sua qualidade depende da vitalidade da participação cívica e política. Da sua intensidade. Da sua energia. É no entanto importante compreender – como aliás alguns estudos confirmam – que a abstenção resulta muito mais da desigualdade social económica e cultural, do que dessa espécie de má vontade cívica.

**Abstém-se muito mais** a classe desfavorecida do que a classe média ou alta;

**Abstém-se muito mais** a população de baixa escolaridade que a mais academicamente qualificada;

**Abstém-se muito mais** a população com idade inferior a 30 anos do que a que tem idade superior a 55 anos<sup>3</sup>.

Não nos iludamos: a desigualdade social **é o veneno que corrói as nossas comunidades**. Nenhuma comunidade pode ser sólida caso não contenha nela própria a levedura da igualdade e caso não tenham sido postas em prática políticas promotoras dessa mesma igualdade social. Foi justamente esse o elemento central do desenvolvimento do nosso Município, e é esse o grande exemplo que podemos dar ao país.

Temos pois, nesta matéria, de continuar a definir objectivos, estratégias e critérios para que os resultados possam ser melhores. E estou certo que o

---

<sup>3</sup> PORDATA | SITE | Copyright © Fundação Francisco Manuel dos Santos | ABR. 2019



serão a médio prazo. Será evidentemente outra preocupação para quem se interessa pela “res publica”.

E esse interesse implica que as Comemorações do 25 de abril não se limitem – por importante que seja fazê-lo – à difusão dos valores que lhe associamos e que lhe são mais caros como por exemplo: a Liberdade. a Paz e a Solidariedade.

Não faz sentido comemarmos algo, só porque temos de o fazer. Comemorar por comemorar levar-nos-á ao **Nada**, e por isso opino que não basta o que fazemos, isto é, não basta comemorar. É importantíssimo dar sentido à Comemoração, seja ela qual fôr, por uma simples razão: é que temos sempre de conhecer os motivos pelos quais o mundo acontece...

Ora, a melhor maneira de homenagear Abril será assumir a intenção explícita de o transmitir à Juventude de hoje, tendo sempre presente que as expectativas e as ansiedades actuais são já muito diferentes das expectativas e das ansiedades de 74.

14

**Aqui chegado, pergunto:** estará o regime saído do 25 de Abril, após 45 anos, preparado para corresponder aos novos desafios que os tais sub-40 reclamam?

**Respondo-vos com toda a franqueza: parece não estar!**

E portanto, **a melhor maneira de comemarmos Abril**, que hoje nos convoca a todos, será o de admitirmos que o regime tem de mudar. Que o regime tem de ser reformado. Não o fazendo arrisca-se a enfrentar implosões e radicalismos como alguns que começam a ocorrer um pouco por toda essa Europa fora.

**A melhor maneira de respeitarmos Abril** é evitarmos **os saudosismos** - atitude em si muito definidora da alma portuguesa – e comutá-lo por aquilo que podemos designar pela refundação. Temos de estar atentos ao



mundo em que vivemos e lutarmos para que as instituições nascidas na democracia sejam capazes de se reestruturar e de se adaptar às novas situações. Só deste modo evitaremos que o regime se quede anquilosado.

**A melhor maneira de honrarmos Abril** é sabermos sempre proceder de acordo com as circunstâncias, tendo naturalmente em conta que, hoje em dia, os políticos e os partidos políticos, sobretudo nos períodos que decorrem entre os momentos eleitorais, vivem reféns - não da sua representatividade democrática eleitoral – mas das redes sociais e da comunicação social, sempre ágeis a manipular, condicionar, sabotar, enganar e influenciar princípios e valores democráticos.

Não queria terminar esta minha intervenção sem afirmar que, justamente no exercício da actividade política procuro observar sempre um velho aforismo que diz:

***“Falar muito das coisas, pouco de mim mesmo e ainda menos dos outros”,***

15

---

Neste momento tão significativo da minha vida, 45 anos após o 25 de Abril de 74, consintam-me que vos diga que a motivação que tenho hoje para servir o meu município é ainda superior àquela que tinha quando tomei posse pela 1ª vez nesta casa, em 1986. O segredo está na magia do sonho e de o transformar em realidade. O segredo está em ser capaz de agir e de ser útil à população. **Sempre!**

Numa palavra: o mais importante é sermos capazes de ser ousados e de começarmos a caminhada quanto antes, pois a distância entre o que somos e o que podemos ser, e a distância entre o que fazemos e o que podemos fazer, nunca é tão longa se nos dispusermos a enfrentar os desafios que se nos deparam, como de resto já aconteceu no passado.

É para todas estas pessoas que, nestes tempos incertos, ruidosos e de profunda transformação, continuarei a trabalhar - juntamente com a minha equipa - e a dar o melhor de mim mesmo.



E vontade e alento não me faltam para fazer de Oeiras um Município ainda mais **Amigo**, ainda mais **Justo** e ainda mais **Feliz**.

Tenho muita fé em fazer deste Município o melhor Município do Mundo:

Um Município com *memória*;

Um Município com *vida*;

Um Município com *esperança*.

**Com essa mesma “esperança que tinha duas filhas lindas: a Indignação e a Coragem; a Indignação que nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las”** para parafrasear ainda o brilhante pensador, filósofo e teólogo Agostinho de Hipona.

Podemos, pois, assegurar que, ao mudarmos o nosso país, ou ao mudarmos o nosso município, nós mesmos mudamos com eles! E ainda bem que assim é porque nada é mais desconsolador do que continuar tudo na mesma.

---

16

É sempre bom mudarmos para melhor!

É sempre bom querermos um Município – como o nosso – assumindo-se como a **“Terra da Fraternidade”** que o 25 de Abril sonhou para Portugal!

VIVA O 25 DE ABRIL!

VIVA OEIRAS!

VIVA PORTUGAL!

**ISALTINO MORAIS**

**PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**